

EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM FOCO EM CRIANÇAS AUTISTAS E OS DESAFIOS DOCENTES

Juliana Bispo (graduanda em Letras com Inglês/UEFS)

Samira Merelles (graduanda em Letras com Inglês/UEFS)

Resumo: Este estudo objetiva discutir sobre a educação inclusiva com foco em crianças autistas e os desafios docentes. O referido trabalho foi apresentado para a disciplina de Psicologia da Educação, ministrada pela professora Mirela Iriart do curso de Letras Estrangeiras, da Universidade Estadual de Feira de Santana. A pesquisa é de caráter qualitativo. No desenho metodológico, foi realizado um levantamento do referencial teórico de publicações já analisadas sobre o tema, o qual nos permitiu conhecer o que já se estudou sobre o assunto - crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tiveram a oportunidade de serem inseridas em escolas do ensino regular, todavia, essa implantação não garantiu e ainda não garante de fato uma inclusão justa, visto que, as escolas têm o desafio de se adequarem às necessidades específicas desses alunos, incluindo professores capacitados para trabalhar com crianças autistas em seu quadro. Para discorrer sobre a temática, nos embasamos em documentos, como Brasil (2003), que apresenta orientações e esclarecimentos sobre a prática docente na inclusão de alunos com deficiências, e A Declaração de Salamanca (1994), que também foi consultada para acrescentar à discussão. Além dessas, outras bases teóricas foram pautadas em Silva Neto et al. (2018), Marinho e Merkle (2009), Santos (2015), Melo e Santiago (2018), os quais discutem sobre a inclusão de crianças autistas na escola regular, sobre alunos com TEA como desencadeadores de processos formativos, e acerca dos desafios docentes na qualificação para o convívio de estudantes com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, inclusão, educação, crianças.

Introdução

A educação inclusiva é um direito assegurado pela Constituição Brasileira. No entanto, ainda não é concretizado devido à falta de preparo das instituições de ensino. Com a democratização do acesso à educação, crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tiveram a oportunidade de serem inseridas em escolas do ensino regular, todavia, essa implantação não garantiu e ainda não garante de fato uma inclusão justa, visto que, as escolas têm o desafio de se adequarem às necessidades específicas desses alunos, incluindo no seu quadro docente professores capacitados para trabalhar com crianças autistas. Assim, devemos buscar ações de melhoria no acompanhamento, em sala de aula, desses alunos, bem como revisar as práticas metodológicas e pedagógicas para o atendimento especializado.

OBJETIVO GERAL

- Apresentar os desafios da educação inclusiva e o papel do professor

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Divulgar a importância da promoção de uma Educação Inclusiva
- Descrever métodos educacionais para crianças com TEA

METODOLOGIA

O presente texto faz parte de um trabalho solicitado pela professora Mirela Iriart, para a disciplina Psicologia da Educação, do curso de Letras Estrangeiras, da Universidade Estadual de Feira de Santana. A pesquisa é de caráter qualitativo e, para melhor explicar sobre a educação inclusiva com foco em crianças autistas e os desafios docentes, foi realizado um levantamento referencial teórico de publicações já analisadas, o qual nos permitiu conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Para melhor discorrer sobre a temática, nos embasamos em documentos, como Brasil (2003), que apresenta orientações e esclarecimentos sobre a prática docente na inclusão de alunos com deficiências, e A Declaração de Salamanca (1994), que também foi consultada para acrescentar à discussão. Publicações sobre a inclusão de crianças autistas na escola regular, sobre alunos com TEA como desencadeadores de processos formativos, e acerca dos desafios docentes na qualificação para o convívio com o TEA, focando nas metodologias educacionais para alunos com autismo, de autores como Silva Neto *et al.* (2018), Marinho e Merkle (2009), Santos (2015), Melo e Santiago (2018), foram estudadas para a realização desse texto. Destarte, este trabalho foi dividido em três momentos: o primeiro, com a escolha do tema e estabelecimento dos objetivos e justificativa; o segundo, quando fizemos o levantamento referencial teórico e escrita do texto; e o terceiro, concluindo com a apresentação do texto e divulgação de uma cartilha, bem como o compartilhamento de um mural feito no *Padlet*, para interação com os colegas da turma.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM FOCO EM CRIANÇAS AUTISTAS E OS DESAFIOS DOCENTES

As Normas das Nações Unidas sobre igualdade de oportunidades, de 1993, enfatizam a responsabilidade do Estado na educação de pessoas com deficiência, para que ofereça um sistema educacional que proporcione a inclusão escolar e social desses alunos. No ano seguinte, a Declaração de Salamanca (1994) demonstra que o movimento de inclusão de estudantes portadores de necessidades especiais evidenciaram discussões relevantes (SERRA, 2004).

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade (Declaração de Salamanca, 1994, p. 61).

Dessa maneira, o movimento mundial para a educação inclusiva proporcionou a abertura dos portões das escolas para alunos portadores de transtornos no desenvolvimento, como os diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), dando origem a debates e discussões acerca de como propiciar a inclusão desses alunos em sala de aula e de como oferecer condições de desenvolvimento e permanência escolar (DIAS, 2019).

A educação inclusiva supõe uma mudança nos valores da educação tradicional, sendo necessário desenvolver novas políticas e metodologias pedagógicas, propiciando assim uma reestruturação do sistema educacional. É uma abordagem humanística, democrática, que lida com o sujeito e suas particularidades, tratando-se, assim, de uma transformação da cultura, das práticas e das políticas vivenciadas nas escolas (SILVA NETO *et al.*, 2018).

Educação Inclusiva não consiste apenas em matricular o aluno com deficiência em escola ou turma regular como um espaço de convivência para desenvolver sua ‘socialização’. A inclusão escolar só é significativa se proporcionar o ingresso e permanência do aluno na escola com aproveitamento acadêmico, e isso só ocorrerá a partir da atenção às suas peculiaridades de aprendizagem e desenvolvimento (GLAT; PLETSCHE; FONTES, 2007, p. 344 *apud* SILVA NETO *et al.*, 2018).

Ao tratar sobre autismo devemos, primeiramente, compreender as mudanças ocorridas, no decorrer das décadas, em seus diagnósticos. O autismo, ainda hoje, é motivo

de confusão por não haver exames capazes de determinar o seu diagnóstico, sendo estabelecido, então, com base na observação do comportamento e avaliação médica. Até a década de 70, o autismo era classificado como doença mental ou psicose, no entanto, atualmente deve ser visto como pertencente aos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), termo que se refere a um grupo de sinais clínicos observados em crianças cujo comportamento apresenta a tríade do comportamento autista, manifestações que ocorrem em três diferentes áreas de domínio: a Área Social, a da Linguagem e Comunicação, e a do Comportamento e Pensamento, não sendo necessário apresentar as três simultaneamente (MARINHO e MERKLE, 2009; PEDREIRA e COSTA, 2017).

Segundo Brasil (2003, p. 14), em alguns casos, é provável que os professores percebam antes mesmo dos pais ou pediatras que a criança apresenta comportamentos compatíveis com o TEA; sendo que muitos desses professores, por falta de informação e formação especializada, assumem uma postura de insegurança e podem achar que a inclusão desse aluno não será possível (MONTEIRO e RIBEIRO, 2018).

Assim, e de acordo com Elias (2018 *apud* MONTEIRO e RIBEIRO, 2018), cada criança com TEA manifesta necessidades únicas e particulares, em função da sua história de vida e dos meios físicos e sociais onde está inserida, por conseguinte é preciso estudar e entender cada caso para planejar as melhores abordagens para o aluno com autismo. É necessário, portanto, capacitar dois tipos de professores: professores do ensino regular com formação básica, incluindo formação para lidar com a diversidade e professores especializados, para trabalhar como equipe de atendimento e apoio (BUENO, 1999 *apud* SERRA, 2004).

Outrossim, identificar o que um docente deve ensinar a uma criança com Espectro Autista passa a ser fundamental, uma vez que elas não se ajustam aos métodos habituais de avaliação, fazendo-se necessário o conhecimento dos principais tipos de intervenção educacional: ABA, PECS, TEACCH (MARINHO e MERKLE, 2009).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba diferentes síndromes e sintomas, e isso significa dizer que os meios educacionais e sociais como um todo, diferem do habitual. Desse modo, trabalhar com uma criança com autismo, exige mais do que cuidado, mas preparação e auxílio para que as necessidades dela possam ser identificadas e atendidas.

As alterações neurológicas do autismo não foram ainda totalmente identificadas e a falta de conhecimento torna a acessibilidade muito mais uma teoria do que um fato. É levando isso em consideração que a intervenção multidisciplinar se destaca por possibilitar,

significativamente, a melhora na qualidade de vida do autista, respeitando o nível de desenvolvimento e particularidades de cada criança. Este tratamento consiste na orientação da família e no desenvolvimento da linguagem e comunicação da criança autista. Dos métodos educacionais para crianças com TEA, temos:

ABA – Análise Aplicada do Comportamento: Em seu formato original *Applied Behavior Analysis*, ou Análise Aplicada do Comportamento em sua tradução (MELLO, 2004, apud SANTOS, 2015). É um modelo com diversas aplicações, muitos definem a utilização de ABA para crianças autistas como “aprendizagem sem erro”. Se entende o sistema como tratamento baseado em evidências, e é o que tem mostrado resultado positivo para trabalhar com estas crianças.

A técnica ABA pode ser definida pelo foco no desenvolvimento individual da criança, visando justamente a independência e uma boa qualidade de vida. É por causa dessa procura pelo desenvolvimento do indivíduo, que as principais características da metodologia consiste em trabalhar os déficits, identificando os comportamentos que a criança tem dificuldades ou até as inabilidades e que prejudicam sua vida e suas aprendizagens, diminuir a frequência e intensidade de comportamentos de birra ou indesejáveis, como por exemplo: agressividade, estereotípias e outros que dificultam o convívio social e aprendizagem deste indivíduo, promover o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas, adaptativas, cognitivas, acadêmicas, dentre outras e promover comportamentos socialmente desejáveis.

Santos (2015, p. 40) afirma que “cada habilidade é ensinada de forma individual, iniciada por uma indicação ou instrução, tendo o apoio quando necessário”. O suporte deve ser retirado o mais rápido possível para que a criança não se torne dependente dele”. E é desse modo que o método ABA incentiva a criança a se perceber dentro das atividades propostas e adquirir conhecimento do mundo ao seu redor com base no que foi aprendido.

PECS - Picture Exchange Communication System: O PECS (sistema de comunicação através da troca de figuras) foi desenvolvido em 1985 por Andy Bondy e Lori Frost. O método baseia-se na investigação e na prática dos princípios da ABA. O PECS consiste em uma forma alternativa de comunicação por meio da troca de estímulos visuais por objetos ou atividades de interesse. O objetivo do método é ensinar indivíduos com déficit no repertório verbal a se comunicarem funcionalmente, isto é, a emitir comportamentos sob controle de estímulos antecedentes verbais ou não verbais e que produzam consequências mediadas por um ouvinte especialmente treinado para responder

a estes comportamentos. Assim, esses comportamentos não precisam, necessariamente, ser vocais, desde que sejam selecionados e mantidos por esse tipo particular de consequência, ou seja, mediada (BONDY, 1994).

Para indivíduos com TEA a falta de sensibilidade e expressividade emocional, afetiva e social, impossibilita o aluno de estabelecer um diálogo, fazer contato visual, simbolizar, ter atenção compartilhada, já que:

A habilidade de comunicação fundamental envolve a capacidade de enviar e receber informações do ambiente onde a pessoa estabelece relações, saber expressar o que deseja para obter algo e satisfazer necessidades (comunicação expressiva) (RODRIGUES; SPENCER, 2010, p. 86).

Desse modo, não é correto afirmar que o método PECS se direciona apenas para crianças que possuem dificuldade na fala, pois ele fornece um sistema de comunicação muito eficaz para pessoas que não falam e também ensina habilidades importantes para aquelas que falam. O PECS estimula o desenvolvimento do discurso e ainda fornece as ferramentas necessárias para o aprendizado de habilidades de comunicação, iniciação e linguagem.

TEACCH - Tratamento e Educação para Autistas: O TEACCH baseia-se na organização do ambiente físico através de rotinas organizadas em quadros, painéis e agendas e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para o tornar mais fácil para a criança compreendê-lo, assim como para entender o que se espera dela. Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o modelo visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor para o aprendizado, mas que possa também passar grande parte do seu tempo ocupando-se de forma independente. O objetivo principal do tratamento é ajudar a criança com autismo a crescer da melhor maneira possível, de modo a atingir o máximo de autonomia na idade adulta.

Na terapêutica psicopedagógica do método TEACCH trabalha-se, de maneira predominante, a linguagem receptiva e a expressiva. São utilizados estímulos visuais (fotos, figuras, cartões), estímulos corporais (apontar, gestos, movimentos corporais) e estímulos áudio cinestésico visuais (som, palavra, movimentos associados às fotos) para buscar a linguagem oral ou uma comunicação alternativa.

O TEACCH vem nos mostrar que as crianças com TEA precisam de um ambiente

desafiador, o que auxilia na melhora do nível de aprendizagem e desenvolve as potencialidades da criança, já que ela precisa interagir, adquirir conhecimento e reforçar as conexões entre as diferentes áreas do cérebro.

CONCLUSÃO

A qualidade do ensino, a formação e a prática docente estão diretamente interligadas. A formação docente é imprescindível no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de portadores do autismo. Ao direcionarmos nossas pesquisas para a inclusão de crianças autistas na educação regular, notamos que as licenciaturas não preparam os professores para trabalharem de maneira efetiva com esses alunos que possuem alguma necessidade especial, como observado por Pedreira e Costa (2017), ao avaliarem o curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

Os cursos de Pedagogia precisam trabalhar não só com discussões e adaptações curriculares condizentes com a realidade das escolas, mas sim, fazer com que os estudantes compreendam que a diversidade da inclusão (seja ela de qual grau for) precisa ser discutida, compreendida e atendida da melhor forma, pois o professor é o grande responsável pela convivência e permanência dessas crianças nas escolas (DIAS, 2019).

Entendemos que o processo de inclusão em educação regular produz benefícios para a vida dos alunos com TEA, uma vez que, além de transmitir conhecimentos acadêmicos, a escolarização é uma etapa importante na socialização e desenvolvimento emocional e afetivo; e para que isso ocorra, deve-se pensar estratégias e práticas pedagógicas coletivas inclusivas, de modo que o corpo docente seja responsável pelo processo de ensino-aprendizagem de todos os estudantes (MELO e SANTIAGO, 2018; MONTEIRO e RIBEIRO, 2018).

Logo, os profissionais da educação desempenham um papel imprescindível para o desenvolvimento sócio-cognitivo e melhoria da qualidade de vida da criança autista, sendo o responsável por proporcionar aulas que possam ser acessíveis a todos os seus alunos, atendendo às necessidades específicas de cada um deles. Nos dias atuais, sabe-se que é indispensável que os pais e a instituição escolar, juntamente com os docentes, estejam preparados para acolher as crianças com TEA em um ambiente propício à aprendizagem e socialização, onde elas possam desenvolver suas habilidades através de uma educação inclusiva.

Referências

CAMARGO, Sígla Pimentel Hoher *et. al.* *Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para a formação continuada na perspectiva dos professores.* In: SciELO - Scientific Electronic Library Online. Belo Horizonte, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/?lang=pt#:~:text=Outra%20estratégia%20utilizada%20pelas%20professoras%20é%20em%20relação%20à%20rotina.&text=Para%20muitos%20alunos%20com%20autismo,ser%20necessária%20em%20alguns%20casos>. Acesso em: 21 mai. 2021.

CUNHA, Eugênio. *Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.* 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

DIAS, R. Í. R. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. *Revista: EaD & Tecnologias Digitais na Educação*, Dourados, MS, 2019 - n°9, Vol. 7. ISSN 23184051.

FARIAS, E. M. A.; MENEZES, M. C. B. *Inclusão Escolar do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais: contribuições ao professor do Ensino Regular.* Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1462-8.pdf> Acesso em: 22 mai. 2021.

MARINHO, Eliane A. R; MERKLE, Vânia Lucia B. *Um olhar sobre o autismo e sua especificação.* In: IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR: 2009.

MELO, S. C; SANTIAGO, M. C. Alunos com TEA como desencadeadores de processos formativos. *Revista online de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 22, n. esp. 2, p. 890-904, dez, 2018. ISSN 15199029.

MONTEIRO, S. A. de Souza; RIBEIRO, P. R. M. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula. *Revista online de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 22, n. esp. 2, p. 905-919, dez, 2018. ISSN 15199029.

NETO, Antenor de Oliveira Silva *et. al.* *Educação Inclusiva: uma escola para todos.* *Revista Educação Especial*, V. 31, n°60, p. 81-92. Jan./mar. 2018.

PEDREIRA, Alessandra Silva; COSTA, Maria Laine Souza da. *Autismo na Educação Infantil: desafios da qualificação do professor.* 2017. 40p. Trabalho de Conclusão de Curso Pedagogia - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SERRA, D. C. G. *A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos*. 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado em educação) Programa de Pós-Graduação em Educação - Centro de Ciências e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.